

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Júlia Gravina de Faria

**A INFLUÊNCIA DOS MOMENTOS DE CRISE NA FOMENTAÇÃO DE DISCURSOS  
FASCISTAS**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Prof. Dr. Leonardo Silva Andrada

Juiz de Fora

2018

## DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E

### AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **Júlia Gravina de Faria**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201672015A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **A INFLUÊNCIA DOS MOMENTOS DE CRISE NA FOMENTAÇÃO DE DISCURSOS FASCISTAS**, desenvolvido durante o período de 28 de agosto de 2018 a 28 de novembro de 2018 sob a orientação de Leonardo Silva Andrada, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

**Júlia Gravina de Faria**

#### **Marcar abaixo, caso se aplique:**

Solicito aguardar o período de ( ) 1 ano, ou ( ) 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

# A INFLUÊNCIA DOS MOMENTOS DE CRISE NA FOMENTAÇÃO DE DISCURSOS FASCISTAS

Júlia Gravina de Faria<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este trabalho visa estudar os elementos responsáveis pela instauração de um regime fascista, analisando seus fatores e processos sociais e políticos presentes em sua primeira aparição o século XX, elencando com o momento atual e evidenciando a repetição de acontecimentos históricos determinantes para tal regime, agora no novo milênio. A análise quanto à crise em ocorrência ilustra o potencial risco que esse movimento pode oferecer no Brasil do novo milênio. Nicos Poulantzas, Michael Man e André Singer são as principais bases teóricas desse trabalho, assim como textos jornalísticos com entrevistas a outros autores sobre o tema.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fascismo, discurso, crise, Brasil

## 1. Introdução

O fascismo não é um regime que se encerra no pós-guerra durante a década de 1940, na Europa. É apresentado como uma forma moderna de se fazer política, então a importância de se estudar suas origens, fenômenos e elementos cruciais, afim de ver o que resta dele no momento atual. Sendo os termos “comunista” e “fascista” meros xingamentos atualmente, o real significado se perde com o tempo, tornando mais difícil identificar o que de fato seria ou não fascista. Essa resignificação seria um facilitador para tal instauração, uma vez que seus elementos passariam despercebido por um grupo, desde que atuando de forma menos direta e óbvia. A frente democrática também é uma grande forma de resistência, mas isso não impede que características fascistas oporem em um sistema mais liberal, uma que o juízo moral severo em cima de regimes totalitários se dá pela ocorrência de regimes tal qual o estudado nesse trabalho aparecesse nele, se essa experiência viesse de um regime democrático, sua visão seria poderia ser igualmente combatida. A repulsa ao Estado maior se dá pela experiência desastrosa que foram os regimes fascista e comunista. O dia que o Estado neoliberal for responsável por experiência horrível como essa, a resistência ao que remeter ao um Estado maior se enfraquecerá. Hoje seria muito difícil construir um Estado considerado tipicamente como fascista, pela aversão ao termo, mas muito da natureza fascista persiste. A necessidade de estudar esse tema se dá pela repetição de determinados elementos preocupantes, que aparecem em outros momentos da história e podem oferecer risco ao regime liberal democrático que impera na atualidade. Tais indicativos são tratados no presente trabalho, afim de aplicá-los a realidade brasileira, que tem esse movimento como inédito até o atual momento.

A crise, ainda em atuação desempenha papel fundamental, impulsionando a promovendo esse discurso, viabilizando o cenário para tal extremismo, o que não costuma ocorrer em momentos de mais pacíficos entre as classes, o máximo que se pode chegar em uma sociedade capitalista e desigual. A economia também é uma boa forma de ilustrar a formação e desenvolvimento da crise ideológica, não sendo muito fácil de visualizar em determinados contextos. Esse estado de crise que em o país se encontra pode oferecer sérios risco a democracia brasileira, que somente poderão ser confirmados no futuro, por isso a necessidade de ser estudar o passado e olhar para o presente com um olhar crítico e analisar as referências históricas atuando no momento.

## 1. O movimento fascista e seus discursos

### 1.1. Chegada ao poder e questões ideológicas

---

<sup>1</sup> Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: jugf@acessa.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Dr. Leonardo Silva Andrada

Segundo Poulantzas, o surgimento do movimento fascista se dá pela instauração de uma crise política, que ele chamou de “uma série de *características particulares* de uma luta de classes” (POULANTZAS, 1976, p. 64). A burguesia seria o principal aspecto causador desse conflito, uma vez que o processo de fascização seria uma guerra declarada dessa classe dominante em relação à classe oprimida. O fascismo seria uma crise do Estado democrático, sendo a lutas de classes responsável por essas mudanças, não as instituições. Ressalta que crises políticas são, geralmente, causa de implementação de regimes totalitários e de exceção, que não necessariamente se tornarão fascistas.

A crise política, que pode levar a uma forma de Estado de exceção, reside essencialmente em certas características particulares *do campo da luta de classes, do campo das 'relações sociais'*. Ela é acompanhada, contudo, por rupturas profundas do sistema institucional, isto é, *dos aparelhos do Estado*. (...) é, entre outras, a essas rupturas que responde o Estado de exceção. (POULANTZAS, 1976, p. 69)

O fascismo é provocado por uma mudança na relação entre as classes sociais, causando um aprofundamento dessas disputas. As classes se organizam não somente como seguimentos, mas como subfrações, e a dominação é exercida pela união e parceria de seguimentos e frações distintos, unidos sob um mesmo objetivo. Esse conflito, intensificado pela crise política e movimento fascista, se manifesta não somente pelo prisma econômico, mas ideológico também, ou seja, a opressão econômica se traduz em dominação ideológica.

A propósito das contradições entre classes e frações de classes dominantes, na conjuntura do fascismo, é preciso ainda assinalar que estas contradições não se limitam, como muitas vezes acontece, ao mero nível econômico. No caso do processo de fascização, exacerbação das contradições ‘internas’ do bloco no poder manifesta-se pela sua extensão característica no plano político e no plano ideológico: o que se repercute na *crise de representação partidária* e na *crise ideológica* profunda que afetam o bloco. (POULANTZAS, 1976, p. 77)

A crise política causa uma série de quebra de paradigmas políticos em relação as pessoas, que vendo suas ideologias não dando certo acabam modificando, abandonado ou desacreditando em suas próprias convicções políticas. Assim, períodos de crise se caracterizam pela grande mudança de pensamento, “troca de lados”, e pelo sentimento de não identificação com as ideias já existentes. Tal postura gera um fenômeno de não pertencimento às ideológica, e é daí que sai o movimento fascista.

Relacionando as obras de Mann com Poulantzas, pode-se dizer que os fascistas visando romper com o padrão de pensamento vigente e desacreditando nas ideologias padrões, surgem discursos fáceis e com alto potencial sedutor, que acaba atraindo esses elementos ‘perdidos’ em meio as ideologias ‘falidas’. Essa crise ideológica é consequência da política, e ao mesmo tempo impulsiona-a, funcionando como uma espécie de ciclo vicioso. A crise econômica, não necessariamente depende das duas primeiras, mas é uma boa forma de ilustrar esse período, que por vezes pode ser difícil de visualizar.

Como diz Nicos Poulantzas, o conflito ideológico se desenvolve em algumas etapas: após a intensificação das disputas de classe vem a crise de hegemonia, que se caracteriza por uma instabilidade inicial, com alternância de poder de classe dominante (como um vácuo de poder causado pela crise ideológica em desenvolvimento), para então, no momento posterior, consolidar uma que antes não possuía tamanho espaço e instaurar uma ditadura fascista. Depois vem a crise de representação partidária, reflexo desse fenômeno de não identificação ideológica conjuntamente com a crise hegemônica, consequência da ruptura com a ordem de “*organização*” entre classes e seus partidos, causando uma perseguição por parte dos dominantes, com uma “profunda desorientação política no bloco de poder” (POULANTZAS, 1976, p. 80), e acaba com o extermínio dos partidos representantes de grupos menores sendo extintos pelos fascistas. Ocorre uma radicalização dos partidos, prejudicando as “*relações de representação*”. Posteriormente, neste mesmo trabalhos, será expresso como esses elementos de crise ideológica se tornaram elementos essenciais para o surgimento do fascismo.

De forma geral, Michael Mann diz que o movimento fascista não seria uma ideologia “separada”, por conta desse fenômeno de não identificação ideológica, ele surge em todas as classes e ideologias, atendendo às dominantes, e se alia as ideologias capitalistas quando se consolida no poder. Também não tinham muitas pessoas que aderiam ao movimento como fachadas para atender aos seus reais interesses materiais. Há um centro que mantinha relações estreitas com o maior ideal dessa ideologia: o

estado-nação. Apesar de muitos se aproveitarem desse período para fazer carreira, sendo um modelo que possibilita utilitarismos. Porém é importante ressaltar que o fascismo tem caráter revolucionário, porém não da forma padrão que se imagina, de conflitos marcados por direita e esquerda, seguindo uma ótica simplista, não são, segundo o autor, o que muitos pode considerar como “revolucionários de direita”.

(...) como os fascistas efetivamente ofereciam soluções plausíveis para problemas sociais modernos, obtiveram apoio eleitoral da massa e um intenso comprometimento emocional de sus militantes. Naturalmente, como a maioria dos ativistas políticos, os fascistas eram heterógenos e oportunistas. (...) não eram pessoas de temperamento estranho, sádico ou psicopatas, nem meros portadores de um “saco de gatos” de dogmas e slogans mal digeridos (ou pelo menos não mais do que qualquer um de nós). O fascismo foi um movimento de ideais elevados, que se mostrou capaz de convencer boa parte de duas gerações de jovens (especialmente nas camadas mais educadas) de que seria capaz de promover uma ordem social harmônica. (MANN, 2008, p. 13)

Poulantzas relaciona o conflito de classes como algo essencial, impossível de dissociar, desse movimento, principalmente entre subfrações. A classe burguesa é apresentada como peça chave nesse conflito, sendo ele interno na maior parte do tempo. As classes inferiores não possuem muito papel efetivo nesse contexto, tendo em vista que é a classe dominante que tem o poder para tal mudança de regime, sendo basicamente uma revolução de uma subfração dominada, porém de classe semelhante. Apesar não usar os termos de ‘direita e esquerda’, sua obra se relaciona muita com a de Mann, que trabalha muita a ideia de tomada de poder da baixa burguesia em relação à alta.

## 2.2. Definições de fascismo

Segundo Michael Mann, há divergências quanto à proposição de uma definição conceitual de fascismo, por considerar muito genéricas. O real fascismo só existiu na Itália. Porém Mann discorda desse posicionamento, ele quer propor, em sua obra “Fascistas”, uma definição que não seja genérica, mas que abarque contextos semelhantes com o período entre guerras europeu.

De forma geral, os fascistas não gostavam da natureza liberal do estado democrático, segundo O’Sullivan, consideravam-na limitada. A democracia tolera conflitos de interesses sem juízo de princípios, reduz os inimigos à meros adversários, não admite verdades absolutas e monopólio de virtude, é anti-heroica. Para fascistas a política se trata de uma militância sem limites para alcançar valores morais. A prática fascista também possui um caráter muito passional, quase religiosa, sendo vista por seus integrantes como uma espécie de *cruzada*. Eles viam o mal como atrelado a determinadas instituições (analogia com Marxismo), sendo assim a sociedade só poderia prosperar com a extinção dessas. Condreau considerava que era necessário lutar contra os inimigos que poluíam a nação, “Ele acreditava que, para defender o bem contra o mal, a violência era moralmente legítima” (MANN 2008, p. 21).

Mosse diz que fascismo não é o mesmo que nazismo. Os nazistas eram racistas e anti-semitas voltados para o povo, não para o Estado, sem um modelo de estado utópico, o movimento ideológico que representava a nação, não o estado, personalizado em Hitler. O Michael Mann discorda, acha as ideologias semelhantes e seus próprios representantes se identificavam, o uso de palavras diferentes se dá pelo nacionalismo que a envolve. Fascismo foi uma palavra inventada e aplicada aos italianos, os nazistas não queriam pegar emprestado algo que não foi criado por eles e os representava.

(...) os dois movimentos compartilhavam valores centrais semelhantes, tinham bases sociais semelhantes e deram origem a desdobramentos semelhantes. O nazismo dava mais ênfase ao nacionalismo, o fascismo italiano, ao estatismo. Mas eram variações sobre temas comuns. (MANN, 2008, p. 22)

O fascismo tem como característica mais marcante, que o diferencia de parte dos regimes totalitários, o caráter revolucionário, representado não somente pelo levante ideológico, mas também pela violência popular, não somente institucional, ainda que legitimada. Além dessas questões, também possui elementos muitos específicos, que em conjunto o definem, diferenciando das demais formas de governo. Serão este:

- Nacionalismo: consiste em um compromisso populista com a nação “orgânica” ou “integral”. Baixa tolerância para diversidade étnica por prejudicar essa unidade. Se mostra mais extremado por conta do caráter inato dessa característica, sendo assim, só pode ser eliminado com a morte ou desaparecimento. Daí a obsessão com a pureza da raça, só aceitando no país aqueles aptos.

- Estatismo: meta e forma organizacional, fascinados pelo poder de estado, sendo ele forte o único capaz de desenvolver e corrigir os problemas sociais. Precisa ser autoritário para fazer valer a vontade única de uma elite partidária considerada líder.

- Transcendência: rejeição ao conservadorismo (ideia de sociedade harmônica e que conflitos de interesses são normais e saudáveis em uma sociedade \_ideal democrático liberal). Discordavam da esquerda que dizia que a harmonia é alcançada através da queda do capital. Tendo surgido e criado sua base ao menos tempo em todos os lados e sustentado por todas as ideologias. Atacavam capital e trabalho assim como instituições democráticas liberais que abusavam da liberdade. Apesar de ser um ponto importante nunca chegou a se concretizar, os regimes fascistas geralmente se inclinavam para as instituições tradicionais do capitalismo. Não faziam uma crítica ao capitalismo e não tratavam da luta de classes, suas questões se centravam no interesse do Estado-nação. O que gerava conflitos com os esquerdistas, que era mais voltada aos internacionalismos. Eram pragmáticos quanto a luta de classes, a diferença de classes não era um problema, apenas classes específicas (inimigas do Estado). Lutavam contra alguns tipos de lucros, como o mercado financeiro, a influência externa e os judeus, não o capitalismo em si.

- - O nacionalismo de Estado do fascista seria capaz de 'transcender' os conflitos sociais, inicialmente reprimindo os que comentavam os antagonismos, 'dando com a cabeça de um na do outro', para em seguida incorporar as classes e outros grupos de interesse nas instituições corporativistas de Estado. (MANN, 2008, p. 28)

- Expurgos: eliminação de inimigos. A discriminação étnica era mais significativa por não poder ser resolvida de outra forma se não a eliminação física, já a ideológica poderia ser tratada de outra maneira. Um comunista poderia ser reprimido e calado ou influenciado a mudar de posicionamento, não necessariamente morto. Por essa razão os ataques começavam de forma homicida afim de coibir os posicionamentos opostos para enfraquecer outras ideologias.

- Paramilitarismo: organização, segundo padrões militares, porém de “baixo para cima”. Visa acabar com as elites, não é o militarismo puro, neutraliza o militarismo e abarca os soldados.

O fascismo como um todo não possuía ligação com questões de gênero, porém o paramilitarismo em si consistia em uma ótica puramente machista. O grupo que se dispunha a tais atos era formado por homens, que viviam em uma espécie de bolha social, com estreitos laços uns com os outros, se uniram muitas vezes em acampamentos, tal qual a rotina militar. Porém viviam uma realidade sexista que se intensificava com a sensação de poder que possuíam, com o poder bélico e com a legitimidade do Estado (dando uma ideia de que poderiam tudo em nome da nação). Tudo isso combinado, conjuntamente com o caráter moralista do movimento, gerava um fenômeno de ilusão com a própria virilidade, intensificando a brutalidade do grupo, transformando a violência praticada não somente em uma ação contra inimigos, mas também uma reafirmação da própria masculinidade dos envolvidos.

O autor do livro resume esses elementos em três palavras chaves que podem ser usadas para definir o fascismo: antimarxismo, antiliberalismo e anticconservadorismo. (PAYNE, 1980:7; 1995: 7-14 ) “ (...) o fascismo é a tentativa de construção de um Estado-nação transcendente e expurgado por meio do paramilitarismo”. Além desses, Stanley Payne ainda acrescenta o nacionalismo, estatismo, autoritarismo, corporativismo e sindicalismo, militarismo e violência, consistindo em “a mais revolucionária forma de nacionalismo” (apud MANN, 2008, P. 23), centrado no idealismo filosófico e na violência moralista.

### **3. A crise e seus efeitos**

#### **3.1. Governo Dilma**

Segundo André Singer, o processo de impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff gerou um momento de instabilidade análogo às instaurações dos regimes militares na América do Sul durante as décadas de 1960 e 1970. Segundo ele, seria um golpe “por dentro” da constituição, fazendo uso das

instituições jurídicas existentes, sem burlar seu rito, e ainda assim um golpe parlamentar, em razão dos seus conchavos e tramas que motivaram de forma errônea o instituto do impedimento. A repercussão desse evento se dá com a ameaça à democracia, que se mantém de pé, porém abalada. Tal cenário abre espaço para figuras, antes sem voz, que atacam o liberalismo democrático e se aproveitam da confusão e decepção do senso comum, ganhando popularidade em meio a resistência ao político antigo.

O apoio de Dilma caiu consideravelmente durante os anos de seu mandato. Fechando seu primeiro ano com avaliações de popularidade melhores que de seu antecessor Luiz Inácio, encerra o primeiro mandato com uma população desacreditada, não somente em sua capacidade e idoneidade para governar como também em seu partido. A porcentagem dos que consideravam seu governo bom ou ótimo vai de 57% para 30% depois de junho de 2013

As manifestações de 2013, denominadas Jornadas de Julho, ilustram não somente a insatisfação com a política tradicional como também um aumento com a preocupação e engajamento político popular, ainda que um pouco restrito à classe média, qualificada ou estudantil. Começa também a se mostrar uma grande influência da mídia nesses assuntos, se tornando mais parcial e até mesmo ligeiramente manipuladora, quando se dispunham a dar visibilidade a esses eventos. A influência das redes sociais, até então inédita, mostra uma nova forma de se organizar e trocar informações de tal cunho, melhor exploradas nas eleições presidenciais de 2018, “nunca ficou claro quem convocou, em quatro dias, pelas redes, aquelas massas de pessoas distantes da esquerda, refratárias aos partidos, algumas visivelmente conservadoras, para ocupar espaço numa iniciativa autonomista” (SINGER, 2018, p. 105). Assim como também se evidenciou o começo do caráter violento que passou a virar regra a partir daquele momento, transformado as ruas das maiores cidades do país em “cenas de guerra”. A ação da violência policial exagerada, injustificada e indiscriminada assim como a ação dos *black blocks* ditaram como movimentos e organizações sociais seriam vistos e contidos dali para frente, quando não corroboravam com a classe e pensamentos hegemônicos.

As manifestações se mostraram um movimento inicialmente contra o aumento da tarifa de ônibus, em São Paulo, discutindo a má prestação de serviços públicos em outras regiões. A mídia, apesar de retratar tais eventos como um surto de vandalismo jovem incitando um sentimento de terror naqueles não presentes, se deparava com o dualismo de também defender que seus integrantes faziam reivindicações válidas a todos e que precisavam ser ouvido. Sendo assim, o Singer (2018, p. 105) conclui que “a razão de fundo era a *descrença na representação, aí incluídos os partidos e políticos*”.

Posteriormente nesse contexto, quando já não se tratava mais de apenas vinte centavos, o caráter ideológico dos manifestantes foi se intensificando quanto a resistência ao governo da época, não somente à improbidade e má qualidade dos serviços, o antilulismo toma seu espaço, ressignificando essas reuniões. Por conta disso, seus organizadores originais se retiram de cena e declaram não convocar mais movimentos, afirmando não se identificarem com o caráter político dado a ele. Começa então uma fase marcada pela autonomia dos manifestantes, se declarando apartidários, e como consequência a ausência de liderança e de organização, sendo as pautas difusas, heterogêneas e, com algumas exceções, o grupo não tinha uma reivindicação direta, expressas e bem formulada. A discordância com a aprovação da PEC nº 37 que estipulava um teto de gastos, e com veto a autonomia do Ministério Público para promover investigações criminais e o alto preço da tarifa de transporte eram temas centrais das Jornadas, porém elas passaram a ser grandes afirmações de insatisfação e falta de representatividade, “as manifestações adquirem um viés *oposicionista geral* que não tinham antes” (SINGER, 2018, p. 119). Tamanha dicotomia de pensamento e diferença de classes no mesmo movimento aumenta a tensão entre grupos diferentes, discordando entre si nas reivindicações ou na forma de se manifestarem.

Em meio a esse novo pensamento político da massa se intensifica o discurso conservador, agora tendo mais espaço e visibilidade com as manifestações, e a devesa de um Estado mais forte, invocando palavras de ordem e pedindo um governo mais centralizado e autoritário. Isso se dá crença de que um Estado forte será capaz de combater a corrupção com mais eficiência e moralizar as instituições. Tal pensamento é defendido e usado para dar tanta popularidade aos líderes da lava jato, como o procurador Dallagnol.

A eleição para o segundo mandato muito apertada e com uma significativa cisão e polarização da população, combinadas a um adversário que se recusou aceitar a derrota foram responsáveis por um governo sem uma forte base aliada e com uma grande oposição trabalhando de forma conspiratória. Os laços se rompem e o acerto de contas gera uma série de manipulações dos institutos legais afim de derrubar a presidente. Um grande exemplo disso seria sua relação com o ex deputado Eduardo Cunha

que aceita o pedido de impeachment e presidia sua votação na Câmara dos Deputados após a recusa de Dilma em protegê-lo. Por fim, Rousseff é impedida e deposta de seu cargo, dando fim ao roveltianismo brasileiro e dando a vitória à contrarreforma.

Na economia o cenário também não era favorável, segundo Flavia Marreiro, o Brasil teve em 2014 o menor desempenho desde 2000, a balança comercial fechou no vermelho, com um déficit de 3,93 bilhões, correspondendo a recessão também enfrentada pelos vizinhos, o Mercosul recuou 15,2% nesse ano. Segundo reportagem de junho de 2016, a instabilidade gerada pela crise econômica e política tornaram o país mais violento, caindo duas posições no ranking de países mais pacíficos do planeta, do Instituto de Economia e Paz (IEP), ocupando a posição de número 105 dentre 163 países. E caiu sete posições no índice das melhores democracias do mundo, Economist Intelligence Unit (EIU), em 2015, ainda durante o processo de impeachment em razão da previsão que se fazia de seus resultados e do pessimismo com o cenário político, segundo Fernando Duarte. Ocupando o 51º de 167 países, classificado como uma “democracia falha”. Maria do Carmo diz que a instabilidade política decorrente desse período, assim como sua falta de apoio, são as grandes causas da diminuição da influência brasileira em outros países da América do Sul, onde antes era considerado “um gigante”. Além disso, para Tiago Morini, a desconfiança desses países também aumenta, com a redução das trocas e relações econômicas por parte do Brasil pode afetar a economia dos vizinhos latinos e causar-lhes redução de crescimento, ou acelerá-lo. O cenário é tão grave que, segundo Heloisa Mendonça, dois anos de recessão foram suficientes para assolar o país na pior crise econômica desde a década de 1930. Por fim, o então Ministro da Cultura Juca Ferreira, em 2015, disse que esse momento de crise e pessimismo fez surgir uma proposta de governo reacionária, discriminadora e preconceituosa, considerava uma situação muito preocupante pois, apesar de ser um caso isolado na época, poderia vir a ser um projeto hegemônico.

### **3.2. Eleições 2018**

Para o filósofo Marcos Nobre, em entrevista a Pedro Betim, o impeachment de Dilma ainda não acabou porque o sistema político não se reestruturou, sendo assim, o candidato eleito Jair Bolsonaro ganhou em cima dessa destruição e precisa dela para se manter, além de não ser capaz de reorganizar os polos, tampouco tenha esse interesse, uma vez que se restaurado o sistema, Bolsonaro não fará parte dele. Daí surge a importância dos grupos contrários a ele permanecerem na resistência, já que o discurso de ódio da base do seu eleitorado representa uma ameaça real às pessoas. Para ele, a população está também desorientada com o fim da dicotomia PT e PSDB, perdendo seu referencial e sem saber para onde olhar. Há que se critique também a noção de que as instituições vão barrar suas medidas antidemocráticas, tendo em vista que o no momento não estão funcionando como antes, nem sendo vistas como eram. A regulação por parte desse mecanismo poderia ser confundida como autoritarismo, seria mais prudente deixar claro que qualquer medida autoritária será oposta e combatida pela coletividade, unindo ideologias diversas, sem servir a um lado ou funcionar conforme a dicotomia política já existente fora da resistência. O pensador também analisa que seu governo está fadado ao fracasso, apesar do apoio nas urnas e maioria parlamentar, foi uma chapa eleita com muitas ressalvas e, portanto, não é uma estratégia muito eficiente vincular uma imagem a ela, em outras palavras, não é grupo que se queira chegar perto. Como consequência, já se fala na possibilidade de não durar os quatro anos de mandato. Esse pensamento seria muito prejudicial por criar mais instabilidade e insegurança, mas principalmente, por acabar deixando o governo acuado em reação a isso, o que seria uma postura muito arriscada levando em consideração sua imagem violenta.

Segundo Bruno Carvalho, entrevistado por Lucas Ferraz, o discurso de Bolsonaro sob o pretexto de oposição petista gerou um sentimento de permissibilidade aqueles que tinha ideias antidemocráticas, já eram pessoas discriminadoras antes porém agora têm o aval para externar tais ideias. Para Pedro Betim, existe um sério risco do aumento do número de milícias em decorrência das medidas que o futuro governo visa aplicar. O discurso de incentivo a violência contra bandidos pode ter repercussões maiores. A flexibilização do porte de arma, menos controle da violência policial, endurecimento das normas penais e menos garantias para os presos pode aumentar a população carcerária, aproximando mais pessoas das milícias que atuam nas cadeias e aumentando sua “mão de obra”. O aumento do número de pessoas dispostas a “limpar as ruas” também pode aumentar. Quanto a essas questões a chapa eleita não se manifesta contrária com afincos, pelo um dos filhos do presidente eleito, Flávio Bolsonaro, votado contra a



instauração da CPI que investigaria a ação de milícias na Cidade do Rio de Janeiro, em 2007, dizendo que não é um assunto com o qual as pessoas se preocupem mais. O próprio Jair já declarou, enquanto candidato, que milícias quando pagas não causam muitos danos à população a qual “servem”, atuando como forma efetiva de prevenção da violência.

Para Steven Levitsky, em entrevista a Ricardo Ferraz, eleitores não costumam votar em candidatos autoritários, mas podem acabar recorrendo a isso por revolta ou oposição ao *status quo* dos políticos e ao populismo. Ele ressalta o período conturbado da história do país, com a maior crime econômica dos últimos tempos combinada ao maior esquema de corrupção em Estado democrático, este ocorrido durante um governo de esquerda, fazendo com que a população culpe essa ideologia pelo feito, aumentando o poder da direita. O uso da lei para enfraquecer a lei, chamado de “jogo duro constitucional” é uma arma da polarização, podendo ser usada para perseguições do grupo oposto de forma legítima. Quanto às acusações dos opositores de Bolsonaro chamando de fascista o autor discorda, reconhecer ser autoritário porem não necessariamente fascista, já em se tratando do chavismo, considera Jair mais próximo desse modelo do que seu concorrente eleitoral, tendo em vista que populismo ao está diretamente ligado a uma ideologia política, pode ser de direita, esquerda ou centro. Considera então o candidato eleito uma ameaça à democracia. Porém, ainda que autoritário, o futuro governo não repetirá os passos dos militares de 1964, a instauração de regime não democrático se dará pela cassação de direitos civis das minorias, perseguições do judiciário contra inimigos do Estado, por meio da lei. Em se tratando da Constituição, não seria provável que a abolisse sem grandes motivos, porem em um contexto de crise seria fácil criar um contexto em que isso seja justificável, Levitsky dá o exemplo de entrar em guerra contra grandes facções criminosas, o que aumentaria drástica e rapidamente a violência, apresentando como recurso acabar com a democracia.

Michael Mann não considera o fascismo uma real ameaça no contexto latino-americano por não apresentar todos os elementos que essa forma de Estado tem, o estatismo e populismo seriam mais voltados à esquerda, a economia dos governos militares do século XX não combinaria com as adotadas atualmente, assim como a total ausência do elemento da transcendência, apesar de já existir experiências com o paramilitarismo, no caso brasileiro, durante a Era Vargas. Tais observações eram precisas no início dos anos 2000, porem hoje o cenário se mostra diferente. O discurso nacionalismo se mostra estampado no slogan de campanha “Brasil acima de tudo”, conforme registrado como nome da coligação de seu partido, no Tribunal Superior Eleitoral. O paramilitarismo dá indícios de retornar com a possibilidade do aumento de milícias, e o inimigo estatal foi definido como a ideologia de esquerda, entendida como petismo, assim como as minorias que vivem em constante ameaça. A forma de governo autoritária exemplifica o estatismo presente em seu discurso e transcendência se dá na sua ideia de mudança e rompimento com a política tradicional, como registrado na convocação de seu próprio partido, Partido Social Liberal (PSL), às eleições de outubro de 2018, em seu site oficial: “Desta forma, convocamos o povo brasileiro para essa mudança, tão bem identificada em nosso candidato, Jair Bolsonaro” (PSL, 2018). Os expurgos são defendidos pelo futuro presidente em uma manifestação onde apareceu em um telão na Avenida Paulista, São Paulo – SP, quando declara: “ ou vão para fora ou vão para a cadeia. Esses marginais vermelhos serão banidos de nossa pátria” (RBA, 2018), se referindo aos petistas, segundo redação RBA.

#### 4. Conclusão

Deve-se entender os fascistas como autores de atos violentos e capazes de atrocidades, sem relativizar ou defender. A capacidade de fazer mal em nome de princípios morais é comum a todos, mas os fascistas são muitos propensos a se iludirem. A retratação da história como algo moral, evolutivo e cíclico é distorcida. O século XX foi um período de práticas intensas de maldade, deliberada e consciente, em prol de princípios e valores morais, como forma moderna de comportamento. É preciso considerar realmente a volta do fascismo uma vez que algumas condições ainda estão presentes. O nacionalismo orgânico e os movimentos paramilitarismo que faz com que pessoas comuns pratiquem atos de violência contra vizinho, sob perspectivas idealistas, e acabam sendo homicidas e de extermínio étnico, contra inimigos. Isso pode ser uma volta do que é primitivo nos homens. Os expurgos são práticas tradicionais da civilização europeia, que contribuíram muito para a humanidade hoje, mas o paramilitarismo é uma tendência do sec. XX. Achar que a preocupação com a volta do fascismo é descabida pelo terceiro

componente mais importante, o estatismo, ter se acabado, em razão dos regimes baseados nele terem se acabado no sec XX

O presente trabalho não visa declarar que o Brasil está na iminência de um Estado fascista, tampouco que isso vai acontecer ainda, no futuro, porem demonstra que existem elementos e um contexto favorável para tal, isso não significa que ocorrerá, mas indica o dever se permanecer alerta a tais acontecimentos e discuti-los amplamente. O interesse e o estudo no tema facilitarão uma frente de resistência a ele, uma que os termos se confundem na atualidade, principalmente, ainda que voltasse a acontecer, não seria da mesma forma, com o mesmo discurso ou mesmo passos. Mas ainda que esse regime não chegue perto de se concretizar, o discurso de ódio e a ameaça à jovem democracia brasileira é real, e poderá resultar em outra forma de governo totalitário, como já ocorreu na história do país.

## 5. Referências

BALLESTEROS, Cecilia. **Juca Ferreira: “Crise fez emergir lado reacionário da sociedade brasileira”**. 2015. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2015/07/19/politica/1437336457\\_236250.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2015/07/19/politica/1437336457_236250.html)>. Acesso em: 25 nov. 2018.

BBC. **Instabilidade por crise política faz Brasil cair em ranking de países mais pacíficos do mundo**. 2016. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-36479570>>. Acesso em: 25 nov. 2018.

BETIM, Felipe. **Marcos Nobre: “Bolsonaro foi o candidato do colapso e precisa dele para se manter no poder”**. Ele afirma que a frente democrática precisa repensar a democracia. 2018. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/14/politica/1542228843\\_630245.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/14/politica/1542228843_630245.html)>. Acesso em: 25 nov. 2018.

BETIM, Felipe. **Planos de Bolsonaro elevam risco de expansão de milícias e grupos de extermínio**. 2018. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/07/politica/1541621514\\_210694.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/07/politica/1541621514_210694.html)>. Acesso em: 25 nov. 2018.

CARMO, Marcia. **Crise do Brasil preocupa vizinhos da América do Sul**. 2015. Disponível em: <[https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/07/150729\\_vizinhos\\_crise\\_brasil\\_pai\\_mc](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/07/150729_vizinhos_crise_brasil_pai_mc)>. Acesso em: 25 nov. 2018.

DUARTE, Fernando. **Crise política derruba Brasil para sua pior posição em ranking de qualidade democrática**. 2016. Disponível em: <[https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160120\\_ranking\\_democracia\\_brasil\\_fd](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160120_ranking_democracia_brasil_fd)>. Acesso em: 25 nov. 2018.

FERRAZ, Lucas. **Eleições 2018: Como conservadorismo 'órfão' encontrou em Bolsonaro seu representante**. 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45837308>>. Acesso em: 25 nov. 2018.

FERRAZ, Ricardo. **Steven Levitsky: Por que este professor de Harvard acredita que a democracia brasileira está em risco**. 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45829323>>. Acesso em: 25 nov. 2018.

MANN, Michael. **Fascistas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Edioria Afiliada, 2008. 11-49, 467-495 p.

MARREIRO, Flavia. **Com vizinhos em crise, Brasil tem pior balança comercial desde 2000**. 2015. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2015/01/05/politica/1420494113\\_841082.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2015/01/05/politica/1420494113_841082.html)>. Acesso em: 25 nov. 2018

MENDONÇA, Heloisa. **Mudança brusca fez atual crise brasileira se transformar na 'pior do século.** 2016. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2016/02/16/economia/1455636966\\_063602.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/02/16/economia/1455636966_063602.html)>. Acesso em: 25 nov. 2018.

MORINI, Thiago Ferrer. **América Latina olha o Brasil com desconfiança.** 2015. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2015/08/20/economia/1440085710\\_908688.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2015/08/20/economia/1440085710_908688.html)>. Acesso em: 25 nov. 2018.

POULANTZAS, Nicos. **Fascismo e ditadura.** 1. ed. São Paulo: Novas Direções, 1976. 64-95 p.

PSL, Partido Social Liberal. **Por que Jair Messias Bolsonaro?.** 2018. Disponível em: <<https://www.pslnacional.org.br/pagina/por-que-jair-messias-bolsonaro>>. Acesso em: 25 nov. 2018.

RBA, Redação. **Bolsonaro ameaça quem discordar com prisão ou exílio: 'Serão banidos'.** 2018. Disponível em: <<http://Em mensagem enviada a manifestação na Avenida Paulista, em São Paulo, candidato prometeu>>. Acesso em: 25 nov. 2018.

SINGER, Andre. **O lulismo em crise: um quebra-cabeça do período Dilma (2011-2016).** 1. ed. São Paulo: Editora Schwarcz S.A., 2018. 297 p.

TSE, Tribunal Superior Eleitoral. **Propostas de governo dos candidatos ao cargo de Presidente da República.** 2018. Disponível em: <<http://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-2018/propostas-de-candidatos>>. Acesso em: 25 nov. 2018.